

SAI DO BAIRRO

Primeiros Passos no Sentido de Inclusão



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu



Equal
"de igual para igual"

FICHA TÉCNICA

PROJECTO

Projecto nº 2004/EQUAL/A2/EM/032—“Vamos Utopiar”

FINANCIAMENTO

Inicitiva Comunitária Equal

PARCERIA DE DESENVOLVIMENTO

ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), AGP (Associação Guias de Portugal), AMRT (Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude), GRAAL e LUSOTEMP - Empresa de trabalho temporário

AUTORIA

AMRT e Graal

Outubro de 2007

CONTACTOS

Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude
Estrada Militar, Talude n.º 62, Catujal, 2680-436 UNHOS
Tel. / Fax. 219 418 314 | amrtalude@yahoo.com

0.

Índice

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 O que é o SAI DO BAIRRO	9
1.2 A sistematização de uma experiência	10
1.3 Utilizadores	10
1.4 Problemas a que procura dar resposta	11
1.5 Objectivos do SAI DO BAIRRO	12
2. IDEIAS-CHAVE	13
2.1 As crianças mobilizam-se para se apresentarem a outras	15
2.2 As crianças concebem meios de auto-apresentação	15
2.3 As crianças são protagonistas da acção	17
2.4 As crianças são apoiadas por um/a animador/a	17
2.5 As crianças integram um grupo	18
2.6 As crianças interagem com outros grupos	19
2.7 Aspectos a ter em conta na organização das sessões com as crianças	19

3. SUGESTÕES DE ACTIVIDADES 21

3.1 Para apoiar o processo de definição do plano de acção	23
3.2 Para o processo de construção de cartazes	24
3.3 Para o processo de construção de um filme	25
3.4 Para o contacto com outras crianças	26
3.5 Para o processo de construção de um caminho pedestre	29
3.6 Outras propostas de auto-apresentação	30
3.7 Para o processo de avaliação	31
3.8 Para a sistematização da experiência	31

4. GANHOS PARA AS CRIANÇAS 33

4.1 Ganhos para as crianças	35
4.2 Comentários na avaliação final do processo no Talude	35

1.

Introdução

1.1 O QUE É O SAI DO BAIRRO

E SE FOSSEMOS CONHECER OUTROS MENINOS E MENINAS? COMO É QUE NOS PODÍAMOS APRESENTAR? O QUE GOSTARÍAMOS DE DIZER E MOSTRAR SOBRE NÓS?

Estas são as questões centrais da proposta do SAI DO BAIRRO.

SAI DO BAIRRO é um dispositivo pedagógico que oferece um conjunto de indicações para a intervenção junto de crianças imigrantes ou descendentes de imigrantes socialmente excluídas, tendo em vista “os primeiros passos no sentido da inclusão”.

Procura contribuir para que as crianças “saíam” dos bairros, isto é, para que se apropriem e se movam confortavelmente em outros contextos para além das suas fronteiras e estabeleçam relações igualitárias e positivas com crianças de outros grupos sociais.

Na base da proposta do SAI DO BAIRRO está o pressuposto que contrariar fenómenos de exclusão e isolamento das crianças nos bairros não depende do simples contacto com outras pessoas ou entidades de fora do bairro: é indispensável o desenvolvimento simultâneo de um processo de empoderamento das crianças, que passa pela criação de condições para que se definam nos seus próprios termos e desenvolvam sentimentos positivos em relação às suas pertenças e contextos de vida. Esta valorização das pertenças e referenciais culturais é feita no diálogo com e entre as crianças, a partir das apresentações que fazem de si mesmas, afastando-nos das habituais de formas de trabalhar a diversidade mais centradas no folclore ou de usos e costumes e tradições.

Neste documento são apresentados aspectos metodológicos transversais à proposta de SAI DO BAIRRO, assim como exemplos da sua aplicação no Bairro do Talude.

1.2 A SISTEMATIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA

SAI DO BAIRRO é o resultado da sistematização da experiência levada a cabo com crianças residentes no Bairro do Talude, no Catujal (Concelho de Loures) no âmbito do projecto “Vamos Utopiar”, um projecto centrado no combate ao racismo e xenofobia financiado pela Iniciativa Comunitária Equal e que resultou de uma parceria composta por cinco entidades:

- ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural) - Departamento governamental de apoio e consulta sobre assuntos relacionados com a imigração (www.acidi.gov.pt);
- AGP (Associação Guias de Portugal) - Associação de educação não-formal de crianças e jovens raparigas para a cidadania (www.guiasdeportugal.org);
- AMRT (Associação Melhoramentos e Recreativo do Talude) - Associação de imigrantes, maioritariamente caboverdianas/os, inserida no Bairro do Talude;
- GRAAL - Associação de mulheres especializada na mobilização de grupos para a mudança de mentalidades e combate à discriminação (www.graal.org.pt);
- LUSOTEMP - Empresa de trabalho temporário (www.lusotemp.pt)



1.3 UTILIZADORES

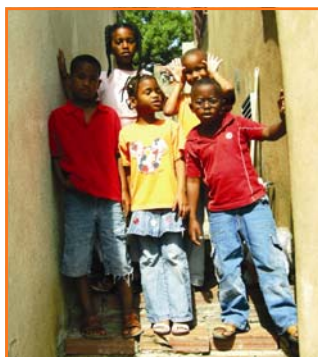
A proposta do SAI DO BAIRRO pode ser apropriada por entidades diversas, nomeadamente associações de imigrantes, grupos de moradores, organizações de desenvolvimento

local, entre outras. Pode ser incorporada na prática corrente de entidades com intervenção continuada junto de crianças ou constituir-se como uma iniciativa autónoma.

Tem como beneficiários/as finais crianças dos 6 aos 12 anos, imigrantes ou descendentes de imigrantes, residentes num território caracterizado por ter fracas condições de acesso e de alojamento, infra-estruturas de apoio precárias, e uma população que, em geral, tem poucos recursos económicos.

1.4 PROBLEMAS A QUE PROCURA DAR RESPOSTA

A proposta de apoiar a inclusão das crianças imigrantes e descendentes de imigrantes residentes em bairros com fracos recursos parte do reconhecimento de um conjunto de necessidades muito específicas.



São crianças que crescem entre dois referenciais culturais – um das suas famílias de origem, com que convivem diariamente em casa e no bairro, e outro do país que os/as acolhe, o que nem sempre é vivido de forma integrada. Crianças que crescem em contextos isolados, o que se traduz, muitas vezes, na não apropriação de contextos de vida mais alargados e na fragilidade dos vínculos sociais para além das fronteiras do bairro. Crianças que interiorizaram representações desqualificantes acerca de si mesmas, das suas origens, das suas famílias e do bairro onde residem, associadas a experiências de discriminação e à desvalorização da cultura de origem pela sociedade de acolhimento.

1.5 OBJECTIVOS DO SAI DO BAIRRO

A proposta tem como principais objectivos:

- Valorizar positivamente os contextos de vida onde as crianças desenvolvem as suas sociabilidades privilegiadas (a família, o bairro, a associação, a escola);
- Promover a apropriação de contextos mais alargados (a escola, a freguesia, a cidade, o país);
- Promover a integração de diferentes referenciais culturais, assumindo a diferença como valor positivo e reconhecendo a riqueza ligada às múltiplas pertenças;
- Promover o desenvolvimento de competências de tomada de decisão, autonomia e responsabilização dentro de um grupo;
- Promover a interacção e cooperação entre crianças de diferentes grupos sociais;
- Dar visibilidade à perspectiva das crianças sobre a sua realidade.

2.

Ideias-
chave

2.1 AS CRIANÇAS MOBILIZAM-SE PARA SE APRESENTAREM A OUTRAS

A mobilização das crianças para participar no processo tem origem na proposta que lhes é feita de se darem a conhecer a outros grupos de crianças. A existência de um grupo interlocutor, de um “outro” com o qual se entra em relação, é condição essencial para motivar o grupo e dar sentido ao processo de construção de auto-apresentações.

Aceite o desafio pelo grupo, marcam-se encontros regulares, uma a duas vezes por semana, durante cerca de 90 minutos, com a orientação de um/a animador/a para construir “auto-apresentações” e “interagir com outros grupos”, as duas principais actividades do SAI DO BAIRRO.



2.2 AS CRIANÇAS CONCEBEM MEIOS DE AUTO-APRESENTAÇÃO

AS AUTO-APRESENTAÇÕES DESENVOLVEM-SE AO LONGO DE CICLOS DE SESSÕES

Cada meio de auto-apresentação (cartazes, filme, exposição de fotografias, teatro, etc.) é concebido ao longo de 10 a 12 encontros (em média) que no seu conjunto se constituem como um ciclo de sessões em torno de um objectivo central.

Cada ciclo começa com a decisão sobre os conteúdos que o grupo escolhe para se apre-

sentar a outros grupos e os suportes que vai utilizar para o efeito. Desenvolve-se em torno de momentos mais centrados na planificação da acção, outros na elaboração dos meios de apresentação, outros ainda na sistematização do trabalho realizado, no manuseamento dos materiais concebidos, na preparação de encontros com outros grupos, entre outros.

AS AUTO-APRESENTAÇÕES SÃO UM TRAMPOLIM PARA TRABALHAR OUTRAS QUESTÕES

As questões ligadas às origens, modos e contextos de vida e ao lugar que ocupam neles vão sendo trabalhadas no processo de elaboração das auto-apresentações. Estes momentos carregam um enorme potencial para a integração de diferentes referenciais culturais, para a valorização das diferentes pertenças e dos contextos de vida em que as crianças desenvolvem as suas sociabilidades privilegiadas (família, associação, bairro).

OS CONTEXTOS DE VIDA DAS CRIANÇAS SÃO ABORDADOS POSITIVAMENTE

Os contextos de vida onde as crianças se desenvolvem devem ser abordados positivamente, reforçando-se a auto-estima das crianças e a emergência de sentimentos positivos em relação às suas pertenças. Contraria-se, assim, a tendência das intervenções sócio-educativas junto das populações minoritárias que se centram nos deficits. Em todo o processo deve assumir-se uma atitude de respeito pela diversidade cultural: pelas crenças, valores e modos de vida das crianças, das suas famílias e da comunidade.

OS MATERIAIS CONCEBIDOS ESPELHAM AS PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS

Os materiais concebidos espelham as perspectivas das crianças, as suas visões sobre si mesmas e sobre os seus contextos de vida. Deve garantir-se que reflectem o seu quadro de significações, as suas lógicas, formas e conteúdos próprios. Tal só é possível se as sessões se constituírem como momentos/espacos de escuta das crianças e se estas assumirem o protagonismo do processo.

2.3 AS CRIANÇAS SÃO PROTAGONISTAS DA ACÇÃO

As crianças têm um papel central na definição do curso do processo. Neste sentido, criam-se condições favoráveis para que:

- Assumam responsabilidades e tomem decisões acerca do que fazer, do como, quem, quando e onde;
- Tomem decisões sobre o grupo (definem o nome, as regras e moldes de funcionamento, o modelo de introdução de um novo elemento)
- Avaliem o funcionamento do grupo e o processo;
- Se apropriem do espaço e dos materiais que constroem.



O protagonismo das crianças implica que o adulto que orienta o grupo seja capaz de partilhar o poder e estabelecer relações eminentemente cooperativas e igualitárias.

2.4 AS CRIANÇAS SÃO APOIADAS POR UM/A ANIMADOR/A

Ao/à animador/a cabe facilitar a concretização dos projectos do grupo: estimular os seus elementos a tomarem decisões sobre o que fazer, como e quando, apoiar o desenvolvimento do plano e dinamizar a avaliação contínua do processo.

Cabe-lhe também criar condições relacionais favoráveis à expressão, gerir conflitos, estimular a participação de todos/as e resolver problemas de estatuto e outros ligados à cristalização de papéis no grupo.



Tem ainda como função motivar o grupo e estruturar oportunidades de aprendizagem, de questionamento e integração.

2.5 AS CRIANÇAS INTEGRAM UM GRUPO

O grupo constituído, que não deve integrar mais do que 10 elementos para que se garanta a participação de todos e todas, é um elemento chave neste processo. As relações no interior do grupo são um espaço privilegiado para o ensaio de novos papéis e para o desenvolvimento de competências interpessoais, de tomada de decisão e de trabalho em grupo.

No contexto do grupo, deve garantir-se que todos e todas têm voz no processo de decisão, assumem responsabilidades e têm um papel activo. Para tal, na divisão de tarefas deve estimular-se a experimentação de diferentes papéis, de forma a evitar a cristalização de funções no grupo, em particular, as ditas femininas e masculinas.

GRUPO DE CRIANÇAS DO SAI DO BAIRO DO TALUDE

Nome	Idade	Escolaridade	Nacionalidade (tempo em Portugal)
Nedylson	6 Anos	1º Ano	Cabo-verdiana (6anos)
Mário	5 Anos	Pré-primária	Portuguesa
Suéli	9 Anos	4º Ano	Portuguesa
Nádia	6 Anos	1º Ano	Portuguesa
Sandra	6 Anos	1º Ano	Cabo-verdiana (2 Meses)
Alexandre	6 Anos	1º Ano	Cabo-verdiana (2 Meses)
Diana	6 Anos	1º Ano	Portuguesa
Tatiana	5 Anos	Pré-primária	Portuguesa
Isaías	9 Anos	2º Ano	Cabo-verdiana (1 Mês)

2.6 AS CRIANÇAS INTERAGEM COM OUTROS GRUPOS

A par com o movimento no sentido da construção e afirmação da identidade do grupo estimula-se a sua abertura a outros grupos de crianças. Proporcionar experiências positivas e significativas de interacção com crianças de outros grupos sociais, baseadas em relações recíprocas e igualitárias é um dos aspectos chave deste processo. Os contextos de interacção com crianças com outras referências culturais são especialmente propícios à valorização da diferença e do respeito por si e pelos outros.

2.7 ASPECTOS A TER EM CONTA NA ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES COM AS CRIANÇAS

- As sessões devem realizar-se, na medida do possível, sempre no mesmo horário e no mesmo local;
- O local escolhido deve ser de fácil acesso e um lugar onde as crianças se sintam à vontade;
- O espaço/momento das sessões deve proporcionar um ambiente claramente diferenciado de outras actividades, em particular daquelas associadas ao trabalho escolar;
- Se possível, utilizam-se dois espaços: um equipado com mesas, cadeiras e um armário de arquivo (recursos que facilitam a construção de materiais) e outro que adaptado à informalidade associada a todos/as se sentarem no chão;
- Os materiais necessários dependem das actividades escolhidas pelas crianças e incluem, em geral, folhas de papel A3 e A4, papel de cenário, cartolinas, jornais, revistas, tecidos, flanela, caixa de cartão, canetas, lápis, tesoura, colas, etc.

- Algumas actividades requerem materiais específicos: se as crianças quiserem tirar fotografias, por exemplo, podem comprar-se máquinas fotográficas descartáveis; se quiserem corresponder-se por e-mail com outras crianças, têm de usar um computador com acesso à Internet; se optarem por construir um filme, é necessária uma câmara de filmar;
- As deslocações das crianças para fora do Bairro implicam uma autorização por parte dos/as Encarregados/as de Educação e em geral envolvem custos de transporte e alimentação.

3.

Sugestões
de
actividades

3.1 PARA APOIAR O PROCESSO DE DEFINIÇÃO DO PLANO DE ACÇÃO

HÁ UM GRUPO QUE NOS QUER CONHECER—COMO NOS VAMOS APRESENTAR?

Esta é a questão que se coloca no início de cada novo ciclo de sessões. Para concretizar a apresentação de sugestões, o/a animador poderá fazer propostas, também sob a forma de pergunta: E que tal se fossemos conhecer melhor os sítios de que gostamos no Bairro? E se tirássemos fotografias? Todas as crianças são estimuladas a apresentar sugestões, sendo importante que as propostas por elas referidas sejam escritas e/ou desenhadas numa folha de papel de cenário ou quadro branco, de forma a que cada um/a veja reconhecido o seu contributo.

Segue-se uma fase de tomada de decisão sobre qual das ideias será desenvolvida. Para tal, propõe-se a cada criança que escolha a ideia que mais lhe agrada e explique as razões da sua escolha. Faz-se depois uma votação da melhor sugestão e aquela que obtiver maior número de votos é desenvolvida.

Seguem-se um conjunto de decisões sobre como concretizar a ideia e quem faz o quê. Nesta fase é importante que cada elemento do grupo tenha um papel activo, saiba qual é esse papel e tenha as capacidades e os recursos necessários para o poder realizar.

Por fim, registam-se num papel de cenário dos passos necessários à concretização do plano de acção, afixado num local onde todos/as o possam ver.

LISTA DE TAREFAS PARA CONSTRUÇÃO DE CARTAZES

Com o objectivo de tirar fotografias às famílias, à escola, à Associação e ao Bairro e construir cartazes, foram definidos os seguintes passos:

- *Aprender a trabalhar com a Máquina Fotográfica*
- *Levar a máquina fotográfica para casa e tirar as fotografias*
- *Trazer a máquina fotográfica de volta para a associação*
- *Revelar os rolos de fotografias*
- *Escolher as fotografias para colocar no cartaz*
- *Decidir sobre o que escrever sobre cada fotografia escolhida*
- *Colocar as fotografias no cartaz e escrever a legenda*

3.2 PARA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE CARTAZES

O QUE QUEREMOS MOSTRAR NOS CARTAZES?

Uma vez assumida colectivamente a ideia de construir cartazes para apresentar o grupo, importa decidir quais os temas que serão abordados. Para tal, pode-se propor que cada criança descreva o seu quotidiano: O que costuma fazer? Onde? Com quem? Cada um dos contextos evocados – a família, a escola, o bairro, etc. – podem constituir-se como cartazes autónomos.

Pode propor-se ao grupo que faça um desenho sobre cada um dos contextos escolhidos, ou propor-se que cada criança tire fotografias com uma máquina descartável. Para tal, importa, antes de mais, proporcionar-lhes a oportunidade de aprender a utilizar a máquina fotográfica (1 sessão).

Depois de tiradas as fotografias aos contextos escolhidos (famílias, bairro, escola, associação, etc.) as máquinas são devolvidas ao/à animador/a para serem reveladas. Quando prontas, as fotografias são apresentadas a todos os elementos do grupo e propõe-se, primeiro individualmente, depois ao grupo no seu conjunto, a escolha daquelas de que se gosta mais (duas sessões), explicando porquê (essa justificação pode ser escrita no verso

da fotografia). Uma vez escolhidas as fotografias de cada cartaz, faz-se a montagem das imagens e escreve-se a respectiva legenda (2 sessões). Depois de concluídos, os cartazes são expostos num espaço acessível ao grupo e define-se quem e como convidar para os ver, nomeadamente os pais e mães das crianças envolvidas (2 sessões).

CARTAZES “NÓS E...”



3.3 PARA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM FILME

E SE FIZÉSSEMOS UM FILME? O QUE QUEREMOS FILMAR SOBRE NÓS?

Uma vez decidida a construção de um filme, define-se que situações se pretende retratar e a respectiva ordem de montagem, explicitada depois num “guião de filmagem” (2 sessões). Num segundo momento o grupo selecciona e organiza o que vai filmar (1 sessão), percorre os locais escolhidos no Bairro, define exactamente o que mostrar, o que dizer em cada cena e reestrutura o guião (3 sessões). A partir do guião, nos dias de filmagem o/a animador/a segue o grupo com a câmara de filmar (2 sessões). No fim, o grupo vê o filme produzido e avalia os ajustamentos e melhorias necessárias (2 sessões)

GUIÃO DE FILMAGEM

A partir da informação no painel construído em conjunto pelo Grupo, definiu-se a seguinte estrutura para o filme:

- *Apresentar o grupo e cada um/a;*
- *Descrever as actividades que já fizemos... como foi... o que gostámos mais...*

mostrar os materiais (fotografias às famílias, ao Bairro, à Escola e à AMRT, cartazes com as fotos, desenhos, caixa para guardar o material, desenhos e cartas para outros meninos; uma história em conjunto sobre a Lola, uma menina de Cabo Verde;

- *Mostrar os lugares do Bairro que mais gostamos;*
- *Mostrar a Escola e dizer o que mais gostamos;*
- *Mostrar a AMRT, onde trabalhamos...*

IMAGENS DO FILME (EM SUPORTE DIGITAL EM ANEXO)



3.4 PARA O CONTACTO COM OUTRAS CRIANÇAS

DAR-SE A CONHECER E CONHECER OUTRAS CRIANÇAS POR CARTA OU E-MAIL

O contacto com outras crianças pode ser feito através de cartas e/ou e-mails, num processo de comunicação que se pode desenvolver em paralelo com outras iniciativas.

Na carta de apresentação, além de explicitar quem é, o grupo deve tornar claro o motivo que o leva a entrar em contacto com o outro grupo e a tarefa comum que propõe para a troca de correspondência—esta pode ser, por exemplo, escrever em conjunto uma peça de teatro, trocar informações sobre o lugar onde vivem, sobre como é o dia-a-dia, preparar um dia de convívio, ou outra.

Com as meninas da Associação Guias de Portugal, por exemplo, foram trocadas cartas tendo em vista escrever em conjunto uma história que depois fosse transformada numa peça de fantoches.

A recepção de cartas deve ser feita com todo o grupo presente. Um dos elementos do grupo que saiba ler abre a carta e lê-a aos outros. Esta deve ser manipulada por todo o grupo. A resposta a cada carta envolve um novo processo de decisão.

O número de cartas enviadas / recebidas depende do tempo necessário para desenvolver a tarefa proposta.

CARTA ENVIADA AO ATL DO MOINHO DA JUVENTUDE

Olá,

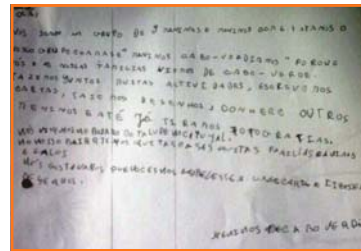
Nós somos um grupo de 9 meninas e meninos com 6, 7 e 8 anos.

O nosso grupo chama-se "Meninos Cabo-verdianos" porque nós e as nossas famílias viemos de Cabo-verde.

Fazemos juntos muitas actividades, escrevemos cartas, fazemos desenhos, conhecemos outros meninos e até já tirámos fotografias.

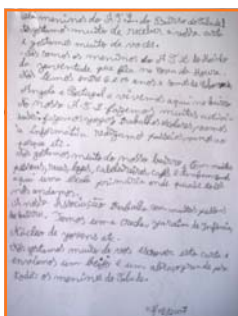
Nós vivemos no Bairro do Talude no Catujal. No nosso Bairro temos muitas casas muitas famílias e galos.

Nós gostávamos que vocês nos escrevessem uma carta e fizessem desenhos.



Meninos de cabo-verde, 01/07

CARTA RECEBIDA DOS MENINOS E MENINAS DO ATL DO MOINHO DA JUVENTUDE



Olá meninos do A.T.L. do Bairro do Talude!

Nós gostámos muito de receber a vossa carta e gostámos muito de vocês.

Nós somos os meninos do A.T.L. do Moinho da Juventude que fica na Cova da Moura.

Nós temos entre 6 e 10 anos e somos de Cabo-verde, Angola e Portugal e vivemos aqui no Bairro.

No nosso A.T.L. fazemos muitas actividades: fazemos jogos, trabalhos escolares, vamos à informática, realizamos passeios,

vamos ao parque etc.

Nós gostamos muito do nosso Bairro, tem muitas pessoas, ruas, lojas, cabeleireiros, cafés e também temos aqui uma escola primária onde quase todos nós andamos.

A nossa Associação trabalha com muitas pessoas do Bairro. Temos uma creche, um jardim-de-infância, um núcleo de jovens, etc.

Nós gostámos muito de vos escrever esta carta e enviamos um beijo e um abraço grande para todos os meninos do Talude.

7 de Fevereiro de 2007

ENCONTROS PRESENCIAIS COM OUTRAS CRIANÇAS

Os encontros presenciais são preparados com o apoio dos/as responsáveis de ambos os grupos de crianças que se encontram. Devem incluir uma dinâmica inicial de quebra-gelo, actividades de carácter lúdico-pedagógico e tempo para que as crianças brinquem e se conheçam livremente.

Com um grupo de meninas da Associação Guias de Portugal realizaram-se dois encontros: uma visita ao Oceanário de Lisboa e um encontro para ensaiar em conjunto a peça de teatro co-construída pelos dois grupos ao longo das cartas trocadas.



Com as crianças do ATL do Moinho da Juventude realizaram-se dois encontros: um no Bairro da Cova da Moura, outro no Bairro do Talude. A visita ao Bairro da Cova da Moura envolveu uma apresentação da Associação Moinho da Juventude pelos/as meninos/as do Moinho da Juventude e uma visita guiada por um percurso que acompanha a história do Bairro (Projecto Sabura). No encontro que teve lugar no Bairro do Talude, o grupo de “Meninos/as Cabo-verdianos” apresentou os cartazes sobre o Bairro e o caminho pedestre por eles construído.



3.5 PARA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO PEDESTRE

QUE LUGARES QUEREMOS MOSTRAR NO NOSSO BAIRRO? O QUE DIZER SOBRE CADA LUGAR?

Estas são as questões centrais a que se procura dar resposta ao longo do processo de construção de um caminho pedestre. Para tal, propõe-se ao grupo começar por construir um guia com os lugares do Bairro que cada um/a considera que devem fazer parte do caminho pedestre (1 sessão). Num segundo momento, com o objectivo de recolher mais informações sobre o Bairro, o grupo identifica pessoas a quem entrevistar, constrói um guião de entrevista e realiza as entrevistas (2 sessões).

GUIÃO DE ENTREVISTA AO PRESIDENTE DA AMRT

Como começou o Bairro? Onde eram as primeiras casas? Como foi crescendo? Como foi com a água e luz? Quem construiu o Bairro? Como era quando as nossas famílias vieram viver para aqui?

Em seguida, elaboram-se cartazes com a história do Bairro (2 sessões) e as crianças passeiam pelo Bairro para definir o percurso definitivo e decidir o que dizer em cada lugar (2 sessões).

Por fim, fazem-se convites a outras pessoas / grupos para que venham conhecer a história do Bairro e percorrer os locais mais importantes.

No Vamos Utopiar foram convidados/as a experimentar o percurso um grupo de crianças do ATL do Moinho da Juventude e um grupo de crianças da Escola Primária EB 1 de Unhos.*

3.6 OUTROS MEIOS DE AUTO-APRESENTAÇÃO

ARTIGO PARA MEIOS DE COMUNICAÇÃO

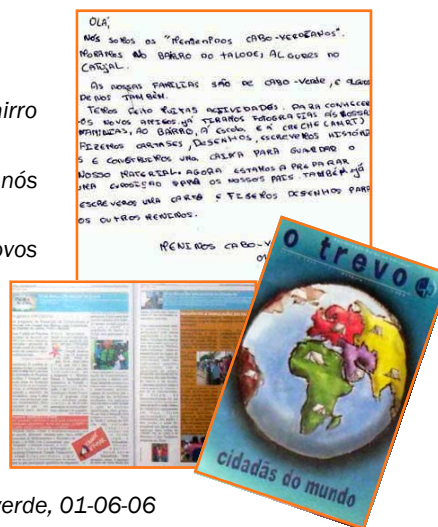
Olá,

Nós somos do "meninos de Cabo-verde" moramos no Bairro do Talude, algures no Catujal.

As nossas famílias são de Cabo-verde, e alguns de nós também.

Temos feito muitas actividades para conhecer os novos amigos já tiramos fotografias às nossas famílias, ao Bairro, à escola e à creche (AMRT).

Fizemos cartazes, desenhos, escrevemos histórias e construímos uma caixa para guardar o nosso material. Agora estamos a preparar uma exposição para os nossos pais, também já escrevemos uma carta e fizemos desenhos para os outros meninos.



Meninos de cabo-verde, 01-06-06

3.8 PARA O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

A fim de avaliar cada ciclo, pede-se às crianças que refiram “o que mais gostaram”, “o que menos gostaram”, “o que acham que correu bem” e “o que acham que poderia ter corrido melhor”. Cada criança poderá responder às questões de forma informal, numa conversa entre todos/as ou escrever e ilustrar a sua resposta. As respostas devem ser registadas e afixadas (em papel de cenário ou num quadro) num lugar visível. A partir do que foi dito, o grupo é estimulado a reflectir em conjunto, procurando fazer a ponte entre “o que poderia ter corrido melhor” e “o que fazer diferente em actividades futuras”.

A mesma dinâmica pode ser aplicada para avaliação geral do projecto.

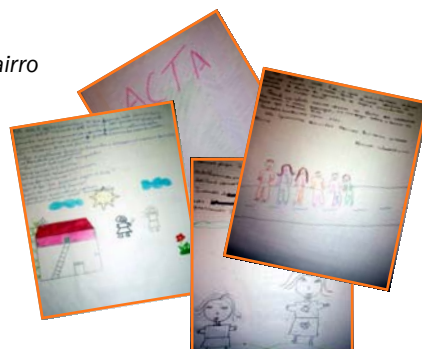
3.9 PARA SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Tendo em vista a apropriação do processo por parte do grupo, propõe-se a redacção de uma acta com textos e desenhos que retratem os acontecimentos mais marcantes do trabalho desenvolvido.

ACTA DE JULHO DE 2007

Folha 1: “Acta de Junho 2007”

Folha 2: “Esta Acta é sobre o caminho que fizemos pelo bairro para convidar outros meninos e meninas a virem cá. Nós quisemos fazer este caminho como os meninos do Moinho fizeram no bairro deles. Primeiro decidimos como íamos fazer o caminho e como íamos saber a história do nosso bairro. Então escolhemos fazer entrevistas a pessoas das nossas famílias e ao presidente da Associação. Combinamos que íamos perguntar: Como começou o Bairro? Quais eram as primeiras casas?”



Como foi crescendo? Como foi que tivemos água e luz? Quem construiu o bairro? Como era quando as nossas famílias vieram viver para aqui?"

Folha 3: "Fomos fazer passeios pelo Bairro para escolhermos os sítios por onde passar e que coisas íamos dizer. Tivemos de treinar muitas vezes porque nos esquecíamos do que queríamos dizer."

Folha 4: "Depois fizemos os cartazes sobre a história do bairro para explicarmos aos outros meninos a história do nosso bairro."

Folha 5: Só depois disto tudo é que convidamos outros meninos a virem ver o nosso bairro. Primeiro vieram os meninos do Moinho da Juventude e depois convidámos os meninos e meninas da nossa escola. Quando os outros meninos vieram ao Bairro nós mostramos-lhes a nossa associação, os cartazes sobre o bairro e o filme que tínhamos feito. Também lanchamos com eles. Nós queríamos convidar meninos a virem ao nosso bairro."

Meninos cabo-verdianos

No fim de cada "ciclo" seleccionam-se os artefactos mais significativos para pôr na "Flanela" que ilustra a sequência das iniciativas realizadas, facilitando a percepção e compreensão do processo na sua totalidade. Os restantes artefactos guardam-se na "Caixa de Materiais".

FLANELA E CAIXAS DE MATERIAIS



4.

Ganhos
para as
crianças

4.1 GANHOS PARA AS CRIANÇAS

No fim do processo, as crianças envolvidas no SAI DO BAIRRO são mais capazes de:

- Integrar referenciais (valores, hábitos, costumes) de ambas as culturas;
- Valorizar positivamente os seus contextos e origens;
- Revelar e defender as suas pertenças com segurança;
- Interagir com crianças de outros contextos sócio-culturais;
- Manter relações de cooperação;
- Dialogar e respeitar a opinião dos outros;
- Realizar actividades auto-dirigidas e compreender regras de convivência;
- Explicitar e construir o seu ponto de vista com clareza;
- Participar activamente no grupo.

4.2 DO QUE É QUE MAIS GOSTARAM?

Seguem-se alguns comentários na avaliação final do projecto no Talude

*“O que mais gostei foi de ver a minha família no Fórum... a minha mãe ficou muito contente por me ver no palco e ver o bairro... toda a gente gostou muito de nos ver”, **Isaías, 9 anos***

*“Quando convidámos os meninos da escola, foi o que mais gostei, assim eles já percebem e não gozam por estarmos com terra”, **Mário, 7 anos***

"O que eu mais gostei foi de tirar as fotografias, nunca tinha usado a máquina e acho que a minha família ficou muito bonita", **Suéli, 10 anos**

"Eu adorei tirar as fotografias, ver a minha casa e até levei para a escola para mostrar aos outros meninos", **Nedylson, 7 anos**

"O nosso Bairro ficou muito bonito no filme, nós filmamos tudo com cuidado, as nossas casas, os animais... para depois mostrarmos aos outros meninos, eu até falei para a câmara e tudo (...) agora quem vir o filme vai ficar a saber como nós somos aqui no Talude", **Alexandre, 7 anos**

"Aqueles pessoas todas a olharem para nós... senti uma coisa na barriga...gostei tanto de mostrar a minha casa e o Bairro... e as pessoas até aplaudiram, eu acho que elas gostaram", **Sandra, 7 anos**

"Eu gostei de ir ao correio e receber coisas dos outros meninos, nós contávamos coisas do nosso dia e eles também nos escreviam... e até construímos uma história com outras meninas que depois fizemos numa peça", **Diana, 7 anos**

"Eu agora já nem tenho vergonha de dizer que sou portuguesa ou que sou cabo-verdiana, já posso ser... até quero saber falar tudo em crioulo que eu português já sei", **Nádia, 8 anos**

"Não sabia que havia outros meninos longe da nossa casa que também falavam como nós...os meninos do Moinho até são parecidos, mas não têm os animas", **Tatiana, 6 anos**

"Nunca imaginei que o meu filho gostasse de ser cabo-verdiano e muito menos que sentisse orgulho por viver no Bairro do Talude. Muito obrigada por me terem permitido conhecê-lo melhor.", **Albertina, Mãe do Isaías**

"Eles fizeram muitas coisas e gostaram de estar a fazer trabalhos sobre eles...eu também gostei de ver o como eles viam as famílias deles e de ver que afinal somos importantes", **Teresa, Mãe da Suéli**

"Sempre achei que a minha filha queria ter ficado em Cabo-verde, mas ela até me disse que o Talude era mesmo parecido, como vimos no filme", **Susana, Mãe da Nádia e Tia da Diana**

"As exposições dos trabalhos ajudaram-me a conhecer melhor o Bairro e a Escola, também a Associação me surpreendeu... as crianças sabem mesmo o que vêem e não é nada parecido com o que vejo e ainda bem", **Euclides, Pai da Sandra e do Alexandre**